

## **O ENSINO DE ASL PARA ALUNOS SURDOS: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS**

SANTOS, Cílio Lindemberg de Araújo (UEPB)  
ciliolindemberg@hotmail.com

ANDRADE, Gioberlândia Pereira de (Coautora - UEPB)  
gioberlandia29@hotmail.com

LOURENÇO, Nehemias Nasaré (Orientador - UEPB)  
prof.nemo@hotmail.com

### **Resumo:**

Estudos recentes na área de Educação de Surdos têm apontado para uma proposta bilíngue como sendo a mais adequada para alunos surdos. Soma-se a isso a proposta de ensino de uma língua estrangeira (LE) para esse tipo de aluno. Contudo, tal como alunos ouvintes, os surdos apresentam muita dificuldade no aprendizado de uma LE, principalmente por não viverem num contexto onde a LE é comumente usada. A partir dessa contextualização, este trabalho pretende seguir dois objetivos: (1) discutir acerca das dificuldades que alunos surdos brasileiros apresentam quanto ao aprendizado de uma LE, no nosso caso da língua inglesa (LI); e (2) sugerir uma proposta que atenda as necessidades dos mesmos e que corresponda a um aprendizado significativo de uma LE. Para alcançar esses objetivos, consideramos as afirmações de autores como Gesser (2009), Quadros (1997) e Quadros (2009), que abordam questões referentes à educação de surdos. Como procedimentos metodológicos, através de uma pesquisa (cf. SEVERINO, 2007), fizemos uso de entrevistas semi-direcionadas, cujos dados foram comparados com a análise da bibliografia selecionada. A análise da pesquisa apontou que a LI não é ensinada aos surdos de forma contextualizada em escolas bilíngues, o que não propicia o uso efetivo da LE ensinada. Assim, propôs-se a Língua Americana de Sinais como uma possível alternativa de LE a ser ensinada aos discentes surdos devido ao fato de ser mais condizente ensiná-los uma LE cujo canal de expressão é o mesmo da sua língua natural, a Língua Brasileira de Sinais, que é uma língua de sinais.

**Palavras-chave:** Educação Especial; Educação de Surdos; Bilinguismo; Ensino de línguas estrangeiras.

### **Abstract:**

Recently, studies in the area of Deaf Education have proposed bilingual education as the most appropriate for deaf students. Besides, foreign language (FL) teaching is also proposed for this

type of student. Yet, just like hearing learners, deaf students feel much difficulty in learning a FL, mainly because they do not live where such a language is normally used. From this contextualization, this research aims at: (1) discussing about the difficulties faced by Brazilian deaf students regarding the learning of a FL, in this case the English Language (EL); and (2) suggesting a teaching proposal which support students' needs and corresponds to a relevant learning of a FL. In order to achieve these objectives, we considered assertions by authors like Gesser (2009), Quadros (1997) and Quadros (2009), who regard issues concerning the deaf education. As methodological procedures, we utilized the action research, recommended by Severino (2007), and semi-structured interviews, whose collected data was compared with the analysis of the selected theories. The analysis of this study showed that the EL taught in bilingual schools for the deaf is not taught in a contextualized manner, and this prevents them from using the FL taught in an effective way. Thus, we proposed American Sign Language as a possible alternative of a FL to be taught to deaf learners due to the fact that it is more adequate to teach them in a FL whose channel of communication is the same as their native language, Brazilian Sign Language, which is a sign language.

**Key-words:** Special Education; Deaf Education; Bilingualism; Foreign language teaching.

## **Introdução**

A Educação Especial e/ou Inclusiva vêm se destacando no cenário educacional brasileiro. Cada vez mais professores buscam este campo de atuação por motivos financeiros, profissionais ou de realização pessoal. Assim, percebe-se que as escolas também estão buscando se adequar a essa nova realidade. Algumas já estão adequadas ou em processo de adequação, já outras estão enfrentando alguns desafios impostos por tal adequação para possibilitar o acesso das pessoas com deficiência (SKLIAR, 2011).

Dentre o leque de deficiências que é apresentado, um se sobressai: a surdez. Talvez pelo fato de alguns considerarem a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como uma “língua estrangeira”. Quanto a essa língua, ela é um dos meios – senão, o principal – utilizado dentro das salas de aula para a comunicação com os surdos e para a ministração das aulas possibilitando, assim, um ambiente favorável para que os surdos desenvolvam seus conhecimentos (MARTINS *et al.*, 2006).

Contudo, alguns professores quando da prática docente não fazem uso da prática pedagógica inclusiva, acreditando que, para o surdo, basta apenas que ele saiba ler e escrever, ou seja, torna a aula então instrumental e não significativa – como se esperava.

Diante disto, desejamos pôr em relevo a disciplina de Língua Inglesa (LI), por crermos que os surdos também podem gozar do direito à educação de forma igualitária aos ouvintes. Isso torna a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96 uma realidade. Essa Lei confabula com o ideal apresentado por Demo (2011) quando este diz que é direito dos portadores de necessidades especiais a educação pública e gratuita, bem como de qualidade.

Assim sendo, vale ressaltar que durante o aprendizado de uma língua estrangeira (LE), no nosso caso o da LI, para se comunicarem de maneira efetiva, é proposto que os aprendizes tenham domínio sobre o que são conhecidas como as quatro habilidades comunicativas: *speaking* (fala), *listening* (escuta), *reading* (leitura) e *writing* (escrita). Entretanto, no processo de aprendizagem de uma LE, os alunos – surdos ou não – enfrentam muitos desafios, principalmente, por viverem em contextos onde a língua estudada não é habitualmente utilizada.

Essa mesma dificuldade é enfrentada, de forma mais enfática, por alunos que possuem necessidades especiais, tais como os que são surdos, por haver a crença oralista de que devido ao fato de os surdos “não falarem” e “não ouvirem”, tornam-se dispensáveis as atividades que utilizem o *listening* e o *speaking*. Sendo assim, os alunos surdos aprendem uma LE de forma instrumental, ou seja, com foco nas habilidades de leitura e escrita. De fato, os surdos não falam e não ouvem como os sujeitos ouvintes, mas eles falam, ou se expressam, com as mãos e ouvem, ou compreendem, com os olhos (cf. GESSER, 2009; QUADROS, 1997).



Em vista desse problema, este estudo tem como justificativa contribuir para as pesquisas realizadas no campo da educação especial, em particular, para os estudos sobre a educação de surdos com foco no ensino-aprendizagem de uma LE através do bilinguismo.

Conforme Quadros (1997), a educação de surdos tem entrado numa terceira fase, a qual se configura como sendo uma proposta de educação bilíngue. Esta proposta procura defender o direito dos surdos de terem como primeira língua uma língua de sinais, a qual lhes é possível de ser adquirida de maneira espontânea. Assim sendo, uma proposta de ensino baseada no bilinguismo apoia o acesso dos alunos a duas línguas dentro do ambiente escolar.

Entretanto, para que a referida proposta possa ser realizada, torna-se necessário considerar uma gama de fatores. Tais fatores se referem a determinações político-pedagógicas (cf. QUADROS & SCHMIEDT, 2006); às condições de contato com a língua de sinais dos estudantes dentro e fora da escola; ao acesso da família dos alunos surdos à língua de sinais e à comunidade surda; aos profissionais preparados que tenham conhecimento sobre as duas línguas presentes numa escola bilíngue etc.

Quadros (1997) ainda afirma que tal proposta têm se mostrado como a mais apropriada para o ensino de alunos surdos, por que ela “considera a língua de sinais como língua natural e parte desse pressuposto para o ensino da língua escrita.” (p. 27). Pensando no contexto brasileiro, uma educação bilíngue levaria em consideração a primeira língua dos alunos surdos, a LIBRAS no caso, como língua de instrução para só então dar lugar ao ensino de uma segunda língua, a língua portuguesa.

Assim, para os surdos bilíngues do Brasil, a LIBRAS é a sua língua nativa (L1) e a língua portuguesa é a sua segunda língua (L2), enquanto que uma LE é uma L3. No entanto, o ensino de uma LE para surdos não prioriza o que essa categoria de alunos





carece. Somam-se a isso as dificuldades enfrentadas por alunos ouvintes e surdos diante do aprendizado de uma LE.

Deste modo, o presente trabalho propõe-se a alcançar os seguintes objetivos: (1) discutir sobre as possíveis dificuldades que alunos surdos brasileiros podem apresentar diante do aprendizado de uma LE, no nosso caso da LI; e (2) levantar uma proposta que atenda as necessidades desse tipo de aluno e corresponda a um aprendizado significativo de uma LE por parte dos discentes surdos.

Para contemplar os objetivos propostos, este artigo encontra-se dividido da seguinte maneira: (1) a metodologia deste trabalho, abarcando os procedimentos de como a pesquisa foi realizada; (2) a análise dos resultados, contendo a discussão, bem como a análise dos dados coletados; e (3) algumas considerações finais.

## **Metodologia**

Este estudo teve como metodologia principal a pesquisa-ação (cf. SEVERINO, 2007), a qual nos permitiu ver o problema de dentro e não apenas como observadores externos. Ademais, fizemos entrevistas semi-direcionadas (ibidem) a três surdos a respeito de como ocorre o processo de ensino-aprendizagem de LI em escolas bilíngues.

As entrevistas foram feitas em forma de vídeo dada a especificidade de os alunos entrevistados serem surdos e analisadas através da figura do intérprete que as fez, no nosso caso, esse papel foi realizado pelo orientador desse artigo. Vale salientar que os três surdos são de cidades e estados diferentes, uma vez que se procurou traçar um quadro mais abrangente, não se limitando apenas à cidade de Campina Grande/PB, incluindo, assim, Recife/PE e Porto Velho/RO.

Optou-se por trabalhar apenas com três surdos, visto que a comunidade surda é muito unida e esperávamos que eles não se conhecessem, pois isso facilitaria a exclusão



de ideias externas as suas próprias, podendo trazer contribuições diversificadas acerca do assunto tratado. Igualmente, buscaram-se os que possuem um ponto em comum, qual seja, terem estudado em uma escola bilíngue para surdos.

### **Análise dos resultados**

A análise das entrevistas feitas nos possibilitou ver que os surdos apresentam dificuldades não apenas na língua portuguesa, mas também na LI tendo em vista que ambas utilizam o meio escrito, em sua grande maioria, em detrimento do visual. Além disso, evidenciou-se que apesar de seguir uma linha bilíngue, as escolas não apresentam uma adequação para o ensino do LI, tornando-o apenas instrumental, ou seja, pautado apenas na leitura e escrita.

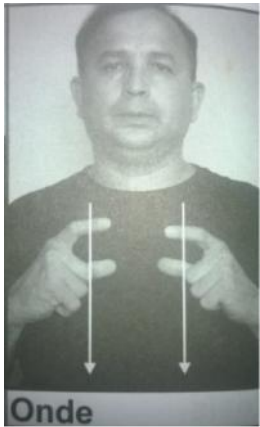
Assim sendo, este estudo propõe que a *American Sign Language*<sup>1</sup> (ASL) pode ser um meio viável e plausível para que os surdos tenham uma educação realmente significativa. Mas, isto dependerá, sobretudo, de como o professor a utilizará.

Acredita-se que uma maneira eficaz de a *ASL* ser ensinada seria se os surdos brasileiros aprendessem os sinais próprios dessa língua e não apenas a traduzir palavras sem considerar o contexto no qual estão inseridos. Deste modo, ao terem que se comunicar com um surdo estrangeiro que domine a *ASL*, eles poderão comunicar-se fazendo uso de um meio ao qual já estão habituados, ou seja, uma língua de sinais.

As referidas línguas de sinais constituem diferentes fonemas, sejam estes orais ou gestuais (cf. PEREIRA *et al.*, 2001). Por exemplo, a palavra “onde” na língua oral portuguesa é traduzida para o inglês como *where*, enquanto que para as línguas de sinais observa-se a diferença não apenas da grafia, mas também na configuração da mão, isto é, na configuração do sinal, como demonstram as figuras abaixo:

---

<sup>1</sup> Em inglês, língua americana de sinais.



**Figura 1. A palavra “onde” em LIBRAS**

Fonte: Veloso, ÉDEN; MAIA FILHO, Valdeci. *Aprenda Libras com eficiência e rapidez.* (2010, p. 78).



**Figura 2. Sinal de *where* na ASL**

Retirado e adaptado do site:  
<http://www.lifeprint.com/asl101/pages-signs/w/where.htm>

Ainda por meio das análises da entrevista, pôde-se comprovar que os surdos aprendem a LI de modo básico, ou seja, apenas pautado na tradução de itens de vocabulário. Assim sendo, uma sentença como “Eu tenho um carro.” seria convertida, palavra por palavra, tal como se observa no exemplo abaixo:

<b>Inglês</b>	I	have	a car.
<b>Português</b>	Eu	ter	um carro.

No entanto, isso não oferece ao surdo a flexibilidade de criar as suas próprias sentenças, e nem permite o uso adequado de verbos. Por exemplo, uma sentença como “Eu tenho uma irmã.” poderia ser traduzida como “*I have a sister.*”, mas dificilmente como “*I have got a sister.*”, devido à falta de contextualização durante o ensino da LI.

Além disso, constatou-se, a partir das entrevistas, que o ensino de LI, por meio da tradução literal de palavras, não faz uso da contextualização. Nas escolas em que estivemos presentes, o uso de gêneros textuais ocorreu de forma superficial, não



havendo, por exemplo, o uso de figuras, o que seria ideal para o aluno surdo por servir como apoio visual a sua compreensão do texto trabalhado em sala de aula.

Ao usar uma imagem que representasse algum aspecto presente no texto, o professor estaria usando a tradução intersemiótica como ferramenta de ensino da LE em questão. Segundo Jakobson (1959/2000), tal tradução remete à representação de signos verbais por não verbais e vice-versa. Assim, através do apoio visual, o aluno surdo teria algo – uma imagem – com que associar a ideia ensinada.

Percebe-se que, devido à prática adotada, o ensino de LE para surdos ainda precisa ser considerado. Sugere-se, portanto, que sejam ensinados os sinais da ASL nas escolas bilíngues para surdos, sobretudo, nas aulas de LI (ou no lugar destas) e não como um curso à parte, tal como algumas escolas fazem. Isso daria a chance de o surdo, quando em contato com um surdo estrangeiro, usar uma língua que lhe é peculiar e à qual ele está habituado, devido à natureza dos sinais, tal ocorre conosco, ouvintes, ao usar a LI com um inglês ou americano, por exemplo.

Finalmente, quanto ao ensino de LI usando a ASL e não apenas por meio da tradução literal, nós concordamos com a ideia de Gesser (2012) quando este afirma que “é possível proporcionar ao aluno diferentes formas de interação com a língua alvo: uma conversa casual com um amigo, um relato de experiência, uma narrativa de conto, uma conversa de aconselhamento” (p. 154). Assim, existem múltiplas possibilidades de propor um ensino contextualizado ao aluno surdo.

## **Conclusão**

A presente pesquisa seguiu dois objetivos: debater sobre os desafios que aprendizes surdos brasileiros enfrentam durante o aprendizado da LI, bem como sugerir como o aprendizado de uma LE devesse ser configurado, atendendo as necessidades dos





alunos surdos. Para tanto, foi utilizada não apenas uma pesquisa bibliográfica, mas também uma pesquisa qualitativa e de participação (SEVERINO, 2007).

A análise dos recursos metodológicos corroborou a nossa hipótese: os surdos não aprendem a LI de maneira significativa devido ao fato de que os professores quando da prática docente ainda tomarem a LI como instrumental, o que nos remete à ideia oralista que para falar e para ouvir necessita-se da voz e da audição. Todavia, estudiosos da área de Educação de Surdos contrapõem essa ideia (QUADROS, 1997; GESSER, 2009). Ademais, comprovou-se que tal prática não oferece aos surdos o direito de se comunicarem com surdos estrangeiros numa língua que lhes é propícia, ou seja, numa língua de sinais, tal como são a LIBRAS e a ASL.

Acreditamos, também, após o estudo feito, que dois passos iniciais poderiam ser dados para este problema ser solucionado, a saber: uma atualização e reflexão da prática pedagógica e o ensino da ASL não apenas passando os sinais pertinentes a essa língua, mas também o ensino da escrita, ou seja, do *signwriting*.

Deste modo, verifica-se a importância da reflexão quanto a como deve ser o ensino de uma LE para alunos surdos. Por isso, não só se deve considerar como devem ser as condições de uma escola bilíngue (cf. QUADROS, 1997) para esse tipo de aluno, mas também por que a ASL é uma possível alternativa de LE a ser ensinada para surdos visto que eles podem aprendê-la através do mesmo canal pelo qual aprenderam a sua primeira língua, a LIBRAS, ou seja, pelo canal visual. Outra vantagem de propor a ASL como uma LE para os surdos brasileiros é o fato de que tal língua, de acordo com Quadros (2009), apresenta a mesma ordem de SVO (sujeito – verbo – objeto) que a sua língua natural, a LIBRAS, o que poderia facilitar a expressão e a compreensão na ASL.

## Referências

DEMO, P. A **Nova LDB**: ranços e avanços. 23ª Edição. Campinas: Papyrus Editora, 2011.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GESSER, Audrei. **O ouvinte e a surdez**: sobre ensinar e aprender a LIBRAS. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

JAKOBSON, R. On Linguistic Aspects of Translation. In: VENUTI, L. (Editor). **The Translation Studies Reader**. New York: Routledge, 1959/2000, p. 113-118.

MARTINS, L. A. R.; PIRES, J.; PIRES, G. N. da L.; MELO, F. R. L. V. de (Orgs.). **Inclusão**: compartilhando saberes. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2006.

PEREIRA, M. C. da C.; CHOI, D.; VIEIRA, M. I.; GASPARGAS, P.; NAKASATO, R. **Libras**: conhecimentos além dos sinais. Pearson. 2001.

QUADROS, R. M. de. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de; SCHMIEDT, Magali L. P. **Idéias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC. SEESP, 2006.

QUADROS, R. M. de. Diversidade e unidade nas línguas de sinais: LIBRAS e ASL. In: SKLIAR, C. (Org.). **Atualidade na Educação Bilíngue para Surdos**: interfaces entre pedagogia e linguística. 3ª Ed. Porto Alegre, Editora Mediação, 2009, p. 195-207.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. Ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SKLIAR, Carlos. (Org.). **A Surdez**: um olhar sobre as diferenças. 5ª Edição. Porto Alegre: Editora Mediação, 2011.